



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Samhain, Outubro de 2015, nº 198



O CULTO DOS ANCESTRAIS

por Mirella Faur

“Eu vivo, porém não viverei para sempre.
Somente a Mãe Terra vive eternamente”...

Canção dos índios Kiowa



A morte faz parte do ciclo da vida, assim como o dia alterna-se com a noite, a luz com a sombra. A sombra da proximidade da morte nos permite compreender e respeitar o delicado equilíbrio da vida. Assim, seremos capazes de aceitar a continuidade da vida nos nossos descendentes, pois nós também somos a continuação da linhagem ancestral. As gerações nascem, crescem, florescem, amadurecem e decaem, feito frutos de uma mesma árvore, transformando-se no adubo rico necessário para a próxima colheita.

A veneração dos ancestrais mantém viva a conexão entre as gerações, os vivos reconhecendo e agradecendo àqueles que trilharam antes os caminhos, abrindo portas e deixando o legado das suas experiências e realizações.

De uma forma ou de outra, todas as antigas culturas do hemisfério Norte reverenciavam os mortos, com celebrações e oferendas realizadas no final do outono, quando a própria natureza entrava em declínio. Festejavam-se ao mesmo tempo a última colheita, o abate

dos animais para garantir a sobrevivência humana durante os meses de inverno e a lembrança daqueles que tinham passado para o mundo dos espíritos, ao longo do ano.

Os nomes das comemorações dos ancestrais variavam de um país para outro – “Pitra Visarjana Amavasya”, na Índia; “O Dia das almas errantes”, no Tibet; “Festival Obon”, no Japão; e “A festa dos fantasmas famintos”, na China. Na África, em Daomé (atual Benim), celebrava-se “colocar a mesa”; na Sicília, na festa dos “I Morti” as mesas eram postas com “armuzzi” – “as mãos do morto” modeladas em massa de pão, enquanto no resto da Itália os doces de clara de ovo com amêndoas e açúcar eram chamados de “ossi di morti”. No México, até hoje, os familiares fazem piquenique

nos cemitérios, levando para os túmulos enfeitados com guirlandas de calêndulas os pratos e as bebidas preferidas dos falecidos. O dia de Los Muertos mexicanos não é uma comemoração macabra ou grotesca, mas uma maneira alegre, divertida e espontânea de reconhecer a inevitabilidade da



morte. Ela aparece nos brinquedos das crianças (representada como soldado, herói, policial, médico, dentista, jogador de bola, professor, noivo ou noiva), nos enfeites de açúcar e nos doces, modelada como caveira ou esqueleto e nas “calaveras” – cartões e imagens de caveiras coloridas com dizeres engraçados trocados entre os amigos. Todos têm um esqueleto, todos vão acabar no cemitério, portanto, é melhor se acostumar desde criança com esta realidade.

As datas dos festivais dos mortos também diferiam de uma cultura para outra. No Egito, a baixa do Rio Nilo, em novembro, marcava o início de “Isia”, a celebração de seis dias que lembrava a morte do deus Osíris.

Procissões, drama sagrado, cânticos e danças reencenavam a sua morte e ressurreição, bem como a celebração do retorno das almas para visitar seus familiares. Lamparinas iluminavam suas antigas moradias e os caminhos para orientá-las, os templos e as casas eram enfeitados com flores e oferendas de comidas e bebidas.

Do Egito, este costume se espalhou pela Europa e foi preservado e adaptado pelos povos celtas. Por serem povos pastoris, os celtas dividiam o ano em duas estações – o verão, quando o gado era levado para os pastos, e o inverno, quando era trazido de volta.

Samhain”(pronunciado “souen”) era o festival celta dos mortos celebrado no dia 31 de outubro, considerado o primeiro dia de inverno e o início do Novo Ano. Neste dia, os véus entre os mundos se tornavam mais tênues, as almas transitavam mais

facilmente de um lado para outro. Além dos familiares mortos, outros seres se manifestavam nesta noite – fadas escuras, elfos, almas perdidas, espíritos zombeteiros. Para se protegerem deles, os celtas usavam máscaras de animais e acendiam fogueiras nas colinas para guiarem os espíritos dos seus ancestrais de volta para suas antigas casas, enfeitadas com lamparinas de abóbora ou nabo colocadas nas janelas e nas portas.

Durante séculos, o cristianismo tentou, em vão, suprimir os festejos de três dias do Sabbat Samhain. Por não conseguir, apelou para o sincretismo religioso, criando o Dia de Todos os Santos e o Dia de Finados, sobrepondo a data cristã ao antigo festival pagão.

Os milhões de emigrantes europeus (principalmente irlandeses que estavam sem meios de sobrevivência após a grande fome de 1846) levaram para sua nova pátria – os EUA – seus costumes e práticas ancestrais. Surgiu, assim, a festa profana de Halloween, pela metamorfose dos significados antigos (máscaras, fantasmas, lanternas, comidas), disfarçados em apresentações caricaturais (bruxas, chapéus pontudos, perucas coloridas, vassouras, lanternas de abóboras, caça aos doces – este costume sendo uma reminiscência do hábito antigo de dar esmolas aos pobres e comida para as almas). O comércio e Hollywood contribuíram, em muito, para tornar o antigo festival Samhain em festa folclórica, infantil ou em um simples baile de máscaras.

Mesmo assim, alguns povos ainda preservam de forma autêntica as tradições dos seus ancestrais.



Os nativos norte-americanos celebram até hoje, na primeira lua cheia após o solstício de inverno, o retorno dos Kachinas – os espíritos dos seus antepassados, com o Festival Soyal, que inclui danças com máscaras, fogueiras e oferendas.

No Japão, o Festival Obon é celebrado durante 18 dias, requerendo uma esmerada preparação prévia dos templos, jardins, casas para a recepção dos “shugoray” – os espíritos dos ancestrais. As famílias se reúnem e invocam os espíritos com danças circulares que induzem a um estado de transe, facilitando percepções paranormais e manifestações de ectoplasma e telecinésia. Antes de Obon, os familiares vão em peregrinação para os cemitérios, limpam a área, plantam flores e deixam oferendas de comidas, bebidas e imagens de cavalos (para ajudar o deslocamento dos espíritos entre os mundos). No último dia do Festival, os ancestrais estão sendo encorajados para voltar para a “Terra dos Mortos” e enormes fogueiras são acesas para lhes iluminar o retorno.



Sântandrei na atual Romênia (antiga Dácia) era uma celebração com data fixa (30 de novembro), dedicada a um antigo deus daco, protetor dos lobos, transformada pela igreja ortodoxa no dia do Apostolo André. Antigamente, esta data coincidia com a Brumália romana e as Dionisíades gregas, festas com muitas comidas, danças e bebidas. Era considerada “a Noite dos Strigoi” (vampiros), tanto dos vivos – os espíritos que saíam dos seus corpos durante o sono - como dos mortos, que abandonavam seus túmulos, visando criar sofrimentos aos seres humanos e animais. Acreditava-se que durante esta noite, os mortos vivos, strigoi e almas errantes podiam perambular à vontade, tirando o leite dos animais e a virilidade dos homens, espalhando doenças e malefícios ou brigando entre si.

Os strigoi vivos eram espíritos de pessoas que

nasciam com um defeito físico ou característica estranha (rabo, placenta colada na cabeça, manchas no corpo, dedos a mais ou menos, corcova). Eles saíam dos seus corpos e se esgueiravam pela porta ou chaminé, depois davam três cambalhotas, assumiam o corpo de um animal (gato, cachorro, galo, porco, carneiro, cavalo, sapo), montavam uma vassoura, barril ou roda de fiar e iam se encontrar com os strigoi mortos nas encruzilhadas, florestas distantes ou lugares ermos. Lá, eles reassumiam a forma humana e começavam a brigar e lutar entre si, até que um deles vencesse e se tornasse o condutor de todos durante um ano. Em seguida, curavam milagrosamente suas feridas e voltavam antes da meia-noite pelo mesmo caminho e maneira como tinham vindo.

Os strigoi mortos eram espíritos que não tinham alcançado o além após seu enterro, ou que não mais quiseram voltar para lá depois dos dias de visitar seus parentes nas datas especiais como Natal e Sântandrei. Tendo saído da realidade comum e sem ter alcançado o “outro mundo”, eles se tornavam muito perigosos para os vivos, trazendo doenças e pragas, prejudicando a terra, as colheitas, o gado e as abelhas, manipulando fogo e água. Diferente das lele que flutuam no ar, cantando, tocando instrumentos e descendo ao chão para dançar, os strigoi-mortos viajam sobre terra e água, gritando ou chorando, usando vassouras, barris ou rodas de fiar para se locomover. Eles se originam dos strigoi-vivos quando eles morrem, de outros mortos que não receberam ritos adequados de enterro ou oferendas nas datas adequadas, ou que não traziam consigo as moedas necessárias para pagar o “pedágio” exigido na transição de um mundo para outro. Por isso, a “moeda do morto” era amarrada num lenço preso no seu pulso ou enfiada na sua boca.

Para identificar a presença de um strigoi no cemitério, usavam-se cavalos, o túmulo que o cavalo não queria saltar era sinal de que o seu morador era um strigoi. Ao abrir o respectivo caixão, o morto era encontrado em posições estranhas (de bruços ou de lado, com arranhões no rosto e as unhas crescidas). Para evitar qualquer possibilidade de enterrar alguém em estado de coma ou morte aparente (que ia se transformar depois em strigoi), o cadáver era “morto” enfiando um fuso, foice, tridente ou pedaço de aço em brasas

no coração, retirando o coração para incinerá-lo ou mesmo dando um tiro nele. Depois o caixão era fechado numa caixa com tranca, eram quebradas as quatro vasilhas de barro colocadas nos cantos do caixão ou era feita a cremação do cadáver, salpicando suas cinzas no rio. Estas práticas de defesa contra os strigoi foram usadas até a metade do século XX. O que se percebe - além da crueldade e bizarrice dos métodos usados - é a crença firme dos romenos na sobrevivência do espírito após a morte. As práticas são reminiscências dos ritos funerários neolíticos, usados até a aparição do cristianismo e retomadas na área rural em caso de necessidade.

Na noite de Sântandrei as pessoas comiam alho e esfregavam com ele as portas e janelas das casas, dos estábulos e depósitos de cereais, bem como as tetas das vacas e das ovelhas, para que os strigoi não se alimentassem do leite, nem prejudicassem pessoas ou animais. Todavia, era também uma noite favorável aos encantamentos de amor e às magias de proteção contra fantasmas e lobisomens, já que os lobos recebiam dons especiais de seu padroeiro Eram feitos vários

encantamentos, predições oraculares para fins meteorológicos e orientações agrárias, feitiços de amor e talismã de proteção.

Deste amálgama de informações e costumes, cada pessoa pode criar uma homenagem pessoal para seus antepassados, seja criando um pequeno altar na sua casa (colocando fotos, objetos, lembranças no canto especificado pela sabedoria Feng Shui), seja preparando um pequeno altar externo (como na Tailândia), usando uma miniatura de casa (como uma gaiola de pássaros), pintada com símbolos que propiciem o renascimento para “recepcionar” os visitantes do Além. Alternativa diferente é seguir o costume vigente, levando flores para seus túmulos, encomendar um culto ou visualizá-los envoltos pela Luz Maior.

O importante é reconhecer o seu legado, reverenciar a linhagem ancestral, preservar as tradições antigas e honrar sua sabedoria lembrando a frase de Kahlil Gibran:

“Todos os que viveram no passado vivem em nós agora. Que possamos honrá-los como hóspedes valiosos”.



Próximos Rituais

Plenilúnio: Celebração da Deusa grega Gaia

Dia 25 de novembro (quarta-feira) às 20h

∴ Somente para mulheres ∴

Celebração do Solstício: O Fogo Sagrado da Família

Dia 22 de dezembro (terça-feira) às 20h

∴ Aberta também para os homens ∴

Os rituais acontecem na Unipaz - Brasília/DF.

Energia de troca R\$ 15,00

Informações: (61) 8233.7949

Expediente Jornal Deusa Viva
Uma publicação da Teia de Thea
Edição e Diagramação:
Stella Matta Machado e Cristiane Madeira Ximenes
Textos: Mirella Faur e Maria Amaziles
Imagens: Rede mundial de computadores
Informações: www.teiadethea.org
E-mail: deusaviva@teiadethea.org
Tel: +55 61 8233.7949



Posta- restante

por Maria Amaziles



Maria,

Uma caixa de fotografias antigas pode conter muito mais do que a oportunidade de visitar outras épocas, lembrar rostos, costumes. Mas é necessário ter o coração nos olhos para descobrir o portal que dá acesso a esse tesouro!

Você vive agora mergulhada numa época de exaltação ao que é jovem, como se os novos frutos não crescessem a partir de uma semente que, em muitos casos, repousou sob o solo por um longo período de tempo. Descarta-se à tarde o que pela manhã era novidade e esse ímpeto tolo compromete, com frequência, a sabedoria que se construiu, como um diamante, ao longo de muitas vidas. Confunde-se conteúdo com embalagem, celebra-se a aparência de um rosto impecável em detrimento da sabedoria que a vida acumulou por detrás dos cabelos embranquecidos e de uma pele modelada em rugas.

Olhar com reverência para seus ancestrais é, antes de tudo, lembrar de que nada é permanente. É constatar que você é o resultado de milhares de criaturas que precederam sua chegada a este Planeta, assim como a sua vida prepara o advento da sua descendência. Conectando-se com sua ancestralidade, você compreenderá a si mesma com maior clareza, e sua força será proporcional à sua sintonia e harmonia com as raízes de sua vida. Negá-las seria como deixar de acolher uma presença em seus próprios genes.

Essa dança leva você novamente ao compasso da gratidão. Experimente reconhecer, acolher e agradecer a todas as pessoas que lhe precederam. Foi à luz das lanternas delas que você veio caminhando até aqui. Considere seus laços de sangue, assim como aqueles que fizeram parte de sua história pela afinidade espiritual, os parentes que foram escolhidos, e que tanto agregaram à sua experiência. Deixe que o feixe de luz da gratidão também abrace aqueles que foram importantes para que a centelha de conexão com o sagrado jamais se apagasse, as que zelaram do fogo dos altares, cultivando a consciência da Minha presença no coração de cada criança. E conclua oferecendo um presente: o seu compromisso em viver plenamente, fazendo jus à oportunidade que recebeu de ser quem é, exatamente onde nasceu.

Em bênçãos de amorosa fortaleza,

Aquela que é.

